

**UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ALINE VIEIRA SILVA
THAISE MENEZES DE CERQUEIRA**

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: Uma forma de
diminuição de doenças e gravidez entre adolescentes.**

**ARACAJU
2012**

**ALINE VIEIRA SILVA
THAISE MENEZES DE CERQUEIRA**

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: Uma forma de
diminuição de doenças e gravidez entre adolescentes**

Artigo Científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes – UNIT Campus Centro sob a orientação da Prof^a MSc. Mariângela Dias Santos.

ARACAJU
2012

Dedicatória

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus, pela saúde, fé e perseverança que tem me dado.

A meus amigos pelo incentivo a busca de novos conhecimentos, a todos os professores e professoras que muito contribuíram para a nossa formação, dos quais temos boas lembranças e à professora Mestra Mariângela Dias Santos, pela sabedoria e dedicação com a qual supervisionou o Artigo Científico, levando em consideração os problemas que fazem parte do contexto de seus alunos, sendo sensível às diversas situações entraves que lhes foram apresentadas.

AGRADECIMENTO

Ao final desta etapa das nossas vidas, feita por bons e maus momentos, contamos com o apoio de muitas pessoas que nos ajudaram a alcançar essa vitória, e por isso merecem nossos agradecimentos, nosso respeito e nossa admiração.

A Deus primeiramente, por ter nos dado forças, por ter acreditado que seria possível, mesmo com as nossas dúvidas e dificuldades, por ter iluminado e trilhado o nosso caminho, por ter ouvido nossas preces e orações, e por sempre ter estado ao nosso lado.

Aos nossos pais, que sempre nos incentivaram a prosseguir na nossa caminhada, que deixaram de realizar alguns de seus sonhos para que nós pudéssemos realizar os nossos.

Aos nossos irmãos(as), por agüentarem quando estávamos super estressadas.

A nossa família e todos que estiveram por perto, por ter nos dado apoio e estarem presentes em todos os momentos, e finalmente a professora Mariângela Dias Santos por também ter acreditado na nossa capacidade, por nos incentivar, nos orientando a todo o momento que fosse possível.

“Onde quer que haja mulheres e homens,
há sempre o que fazer, há sempre o que
ensinar, há sempre o que aprender”. (Paulo
Freire)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A EDUCAÇÃO SEXUAL E SEU CONTEXTO HISTÓRICO	10
1.1 A Educação Sexual no Brasil.....	11
2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR	14
2.1 O papel do professor.....	15
2.2 A Educação sexual do Ensino Infantil ao Ensino Fundamental II.....	17
3 CONCLUSÃO	20
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

RESUMO

A educação sexual é abordada desde a antiguidade e começou a ser questão de preocupação através da prática da masturbação. Compreendida essa prática como atividade pecaminosa, não merecia aceitação Divina e as crianças que não a praticassem estavam isentas de pecado. Nas escolas do Brasil a sexualidade foi ignorada. O melhor método, portanto era não tocar no assunto e deixar que a natureza se encarregasse de ensinar aos alunos o que estava se passando. Na adolescência quando se inicia a vida sexual a falta de informações ou a aquisição e formulação de informações pertinentes à sexualidade, resultam em desenvolvimento pessoal retardado que inevitavelmente provocam desordens sociais e psicológicas. Mas os adolescentes jovens ao se iniciarem a sexualidade passam a ser considerados, pelo menos nesse aspecto, como adultos. Tratando da sexualidade no ambiente escolar, abordamos assuntos que deveriam fazer parte da orientação como: gravidez na adolescência; métodos contraceptivos e DSTs. O desenvolvimento desse trabalho serviu para analisar se a educação sexual é abordada na escola, buscando informações através de pesquisas bibliográficas para explicar a história da sexualidade desde seu início até sua abordagem dentro do ambiente escolar, contribuindo assim como mais uma opção de busca de conhecimento para pais e professores.

Palavras- Chaves: Educação sexual. Adolescentes. PCNs. Escola.

ABSTRACT

Sex education is discussed since antiquity and began to be a matter of concern through the practice of masturbation. Understood this practice as sinful activity, did not deserve acceptance Divine and children who were not practicing free from sin. In schools of Brazil sexuality was ignored. The best method, so it was not touch it and let nature take charge of teaching students what was going on. In adolescence when

initiating sex life or lack of information acquisition and development of information pertaining to sexuality, resulting in delayed personal development that inevitably cause social and psychological disorders. But young adolescents to initiate sexuality is now considered to be, at least in this respect, as adults. Treating sexuality at school, we address issues that should be part of the orientation as teenage pregnancy, contraception and STDs. The development of this work served to examine whether sex education is addressed in school, seeking information through library research to explain the history of sexuality from its inception until his approach within the school environment, thus contributing as another option to search for knowledge parents and teachers.

Key Words: Sex Education. Teens. PCNs. School.

INTRODUÇÃO

A falta de informação entre os adolescentes em relação à sexualidade tem ocasionado um aumento de gravidez precoce nesta fase, diminuindo cada vez mais a idade das adolescentes grávidas.

Este trabalho acadêmico ao abordar o tema “Educação sexual na escola: uma forma de diminuição de doenças e gravidez entre adolescentes” enfatiza de forma crítica e contextualizada a importância de se ressaltar o tema sexualidade no ambiente escolar, as formas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e da gravidez precoce entre adolescentes.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), à educação sexual é abordada como tema transversal da disciplina Ciências Naturais e não deve limitar-se a transmissão de informações puramente biológicas, ou preventivas, ou seja, não deve ter como objetivo o controle de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez e sim proporcionar reflexão acerca da sexualidade e seus valores, seus aspectos preventivos como prática de cidadania.

A questão da sexualidade no país não é tanto enfatizada pelas escolas, nota-se que não foi dada a devida valorização pela importância que tivera na formação sexual dos indivíduos em idade escolar e ainda é estereotipada pelos pais sendo entendida como forma de induzir o início precoce da vida sexual dos seus filhos.

Dessa forma, o direcionamento do trabalho foi elaborado tomando como referências os seguintes objetivos: Mostrar a importância da orientação sexual para crianças e adolescentes no ambiente escolar; refletir sobre a posição do professor com relação a aplicação do tema em sala de aula; absorver informações sobre o tema em questão.

Baseando-se nos objetivos propostos, este trabalho acadêmico reporta-se às seguintes questões norteadoras: Qual a importância de se trabalhar o tema sexualidade nas escolas de Aracaju? Qual o papel do professor em relação à abordagem da sexualidade em sala de aula? Quais assuntos deverão ser abordados dentro da proposta de orientação sexual?

Partindo desse pressuposto, o estudo apresenta uma análise acerca de ênfase do tema sexualidade na escola, considerando pertinente a produção de projetos que priorizem a prevenção e a aquisição de conhecimento.

1 A EDUCAÇÃO SEXUAL E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A educação sexual busca ensinar e esclarecer questões relacionadas ao sexo, livre de preconceitos e tabus.

O principal objetivo da educação sexual é preparar os adolescentes para a vida sexual de forma segura, chamando-os à responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo para que não ocorram situações futuras indesejadas. Infelizmente o ser humano tende a acreditar que o perigo sempre está ao lado de outras pessoas e que nada irá acontecer com ele mesmo, o que o coloca vulnerável a tais situações.

Os meios de comunicação, entre tantos outros que utilizam o sexo para chamar a atenção das pessoas, acabam por estimular e criar curiosidades precoces até em crianças, o que dificulta bastante o processo de conscientização e responsabilidade individual dessas sobre o assunto. Dessa forma, se torna cada vez mais importante ensinar os adolescentes quanto ao assunto, isso dentro de casa e nas instituições de ensino.

Se a meta é informar ou, melhor ainda, formar, a escola destaca-se entre os grupos de referência por ser esta a sua função precípua. Nesse espaço pedagógico, a orientação sexual torna legal a discussão sobre sexualidade.

Os horizontes da escola devem se ampliar cada vez mais, abrangendo conhecimentos sempre mais relevantes sobre adolescência e sexualidade, o que possibilitará o desenvolvimento de técnicas de abordagem ainda mais adequadas.

Antes de mais nada, torna-se necessário buscar instrumentos que permitam melhor preparar aquele que vai orientar e, dentro desse enfoque, não só os professores de Ciências ou Biologia serão responsáveis pela transmissão do conteúdo, mas a escola como um todo. Esse conteúdo não mais contemplará a reprodução em detrimento da sexualidade. A educação sexual é, sim, um meio e não um fim, fazendo-se clara a necessidade de haver reflexão sobre as

singularidades de cada faixa etária e sobre os fatores de risco. Para isto, talvez o primeiro passo seja reconhecer a criança como ser sexuado e o adolescente desvinculado dos estereótipos que o ligam à liberação dos costumes, ao erotismo excessivo e à promiscuidade; é igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade. Na definição de intervenções adequadas, na área de prevenção, devem ser reconhecidos os fatores de risco. O conceito de risco era anteriormente usado apenas do ponto de vista biomédico, estendendo-se hoje para as variáveis sociais e do comportamento.

A escola ocupa o papel de orientador dos professores, indiscriminadamente, assume a função de disseminador do conhecimento. Já o professor precisa identificar a cultura sexual e estar preparado para perceber as necessidades dos alunos, fazer o diagnóstico da situação, definir objetivos e traçar uma estratégia metodológica de intervenção para atingir os resultados esperados. Hoje o principal espaço de sociabilização de crianças e adolescentes, associado ao tempo cada vez mais reduzido que os pais ficam com seus filhos, faz do núcleo de ensino a mais importante fonte de aprendizagem da convivência em grupo, o que contribui para a saúde e para qualidade de vida de seus alunos.

1.1 A Educação Sexual no Brasil

Ao se investigar sobre a educação sexual, verifica-se que durante muito tempo, a sexualidade foi solenemente ignorada pelas escolas. Os professores agiam como se seus alunos fossem seres assexuados, mesmo quando chegam à adolescência. Não poderia ser diferente: afinal toda a sociedade escondia o sexo entre quatro paredes. O melhor método, portanto era não tocar no assunto e deixar que a natureza se encarregasse de ensinar aos alunos o que estava se passando. E como a ordem era reprimir a sexualidade, melhor seria não tocar no assunto para não despertá-la.

No Brasil, o ensino sempre foi fortemente influenciado pela Igreja Católica, que durante muito tempo manteve escolas exclusivamente femininas ou

masculinas. A religião teve um papel importante nesses mecanismos de repressão e sonegação de informações sexuais, particularmente aos jovens de nossa sociedade.

Do ponto de vista de Foucault (1988):

A sexualidade é um “dispositivo histórico”, visto que, é uma invenção social, uma vez que se constitui historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre sexo: discursos que regulam que normatizam que instauram saberes que produzem “verdades”. Sua definição de dispositivo sugere a direção e a abrangência de nosso olhar. (p. 15).

Hoje a educação sexual é indiscutível e nenhuma escola para adolescentes deixa de abordá-las.

No Brasil, a história da educação sexual surge como as primeiras ideias sobre educação x sexualidade no combate a masturbação e as doenças venéreas, visando também à preparação da mulher para o exercício do papel de esposa e mãe.

Na década de 20, algumas ações isoladas começaram a compor o cenário nacional no campo da educação sexual, entre as quais se destacaram as lutas de movimentos sociais inovadores, entre eles o movimento feminista liderado por Berta Lutz (1894 – 1976) que reivindicavam a educação sexual, com objetivos diferentes de proteção a infância e à maternidade.

Em 1928 aprovou-se em um Congresso Nacional de professores e educadores, a proposta de educação sexual nas escolas para a formação dos educandos, adolescentes e jovens.

Na década de 1938, no Rio de Janeiro, o colégio Batista incluiu em seu currículo o ensino de evolução das espécies e da educação sexual. Entre o período da década de 30 e da década de 50, época em que a Igreja Católica manteve severa repressão ao tema.

Ainda segundo Foucault (1982) que aborda a “não repressão sexual”, nos diz:

Embora tenhamos insistido no fato de que a repressão sexual não se realiza apenas pelo conjunto explícito de interdições e censuras, mas, sobretudo pelas práticas, ideias e instituições que regulamentam o permitido, mantivemos presentes a ideia de repressão como um processo de mutilação, desvalorização

e controle da sexualidade como pecaminosa, imoral, viciosa.
(p.16)

Nos anos 60 ocorreram experiências importantes, tanto em escolas públicas como particulares, entre os períodos de 1963 e 1968, nos colégios de Minas Gerais e Rio de Janeiro, que mantiveram o programa de Educação Sexual para os alunos do ensino fundamental. Sendo que em uma das escolas, houve uma crise relacionada ao clima de liberdade produzido pelo trabalho, pois resultou na exoneração da diretora, suspensão de professores e expulsão de alunos.

A partir de 1975, reapareceu o interesse pela educação sexual devido as grandes mudanças observadas no comportamento dos jovens pós 68, às influências dos movimentos feministas e de controle da natalidade.

Muitas escolas incluíram a temática da sexualidade apenas por meio de palestras, encontros ou debates a cargo de psicólogos ou médicos, ou pela abordagem ampliada dos conteúdos relativos à reprodução humana na disciplina ciências.

Em 1995, o MEC- Ministério da Educação e Cultura - coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental a ser apreciado pelo Conselho Nacional de Educação. Essa proposta inclui orientação sexual como um dos “temas transversais” a serem abordados no primeiro grau de forma articulada com as disciplinas como: ética, saúde, meio ambiente e pluralidade.

Diante disso, temos diferentes situações sociais, econômicas e culturais influenciando do ponto de vista humano, religioso, moral e conseqüentemente repercutindo na sexualidade e sua evolução propriamente dita.

A partir do século XXI, as escolas passaram a apresentar cada vez mais a necessidade de programa de educação sexual, para informar, orientar e esclarecer as dúvidas dos adolescentes sobre sexualidade para assim, diminuir o risco de transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e de gravidez precoce.

2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR

A escola, por ser um meio social de transmissão de valores e conhecimentos, deve orientar seus alunos sobre a importância de seu corpo. O conhecimento sobre o corpo humano para o aluno deve estar associado a um melhor conhecimento do seu próprio corpo, por ser seu e por ser único, e com qual ele tem uma intimidade e uma percepção subjetiva que ninguém mais pode ter.

Pensar em sexualidade na escola implica em reconsiderar posições, conceitos e *pré*-conceitos. Nesse sentido, a educação escolar representa o caminho para o estabelecimento de uma educação sexual que visa, além do respeito à livre orientação sexual a construção de um ambiente pedagógico em que os conhecimentos científicos acerca deste assunto possam ser discutidos com domínio e propriedade.

Se a lei que rege a educação escolar brasileira LDBEN (nº9394, de 20 de dezembro de 1996) tem por finalidade o desenvolvimento integral do educando, a escola, para assegurar o alcance desse objetivo, há de educar sexualmente as crianças. Sendo a sexualidade humana parte integral do desenvolvimento e da personalidade e uma necessidade básica do ser humano, não pode ser separada de sua vida, nem mesmo dos outros aspectos que o integram. Envolve sentimentos, pensamentos e ações. Portanto não só no mundo adulto, como no infantil, o tema sexualidade tem importância singular no pleno desenvolvimento do indivíduo. Se a escola não educa, nem capacita a criança a lidar com sua própria sexualidade, não está educando-a integralmente.

Faz-se necessário que a escola, como instituição educacional, se posicione clara e conscientemente sobre referências e limites com os quais irá trabalhar as expressões de sexualidade dos alunos. Sendo pertinente ao espaço da escola o esclarecimento de dúvidas e curiosidade sobre a sexualidade, pois o trabalho de orientação sexual na escola pode, ainda, contribuir para a eficácia do processo ensino-aprendizagem.

Ao abordar a Orientação Sexual na escola, propõe os PCN (Parâmetro Curricular Nacional):

[...] abordar com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicar e debater os diversos valores associados a sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.(PCN, 1998, p. 300).

Essa citação mostra que a escola deve oferecer um espaço específico, dentro da rotina escolar, para essa finalidade, pois a sexualidade impõe-se como um dos maiores interesses dos adolescentes e exige posicionamentos e atitudes cotidianas. pois contribui para o desenvolvimento de sua sexualidade com responsabilidade e prazer.

Mesmo sendo a escola um local reconhecido de produção da sexualidade e das diferentes identidades sociais, falar de sexualidade dentro dela ainda é uma tarefa difícil. Ela pode ter papel importante sobre o assunto, canalizando essa energia que é vida, para produzir conhecimento, respeito a si mesmo, ao outro e à coletividade. Igualmente, o trabalho de promover a educação sexual também contribui para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual, a gravidez indesejada e a contração de DST.

2.1 O papel do professor

A discussão da necessidade e relevância de se trabalhar com orientação sexual na escola deveria estar superada, porém, o que percebemos na prática do ensino de orientação sexual na sala de aula, e através dos dados levantados pelo MEC, é que muitas escolas, quando trabalham com essa temática em seus conteúdos, geralmente focam somente as noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Quando são levantadas questões referentes às relações sexuais, focaliza-se apenas a prevenção de DST e AIDS, mediante projetos de conscientização de prevenção de doenças, de forma esporádica e não contínua.

No contexto educacional, sabe-se a dificuldade da escola e dos profissionais da educação em abordar o tema Orientação Sexual. Ambos são desprovidos de preparação e capacitação para o realizarem eficazmente. Os educadores possuem dificuldades, enquanto os alunos, curiosidades e dúvidas.

O professor deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento. Tais manifestações não devem ser vistas pelo professor como aberrações, que devem resultar em condenação e punições. Deve-se ter o cuidado para não humilhar ou expor o aluno a uma situação constrangedora. Ao mesmo tempo em que oferece referências e limites, o professor deve manifestar a compreensão de que as manifestações de sexualidade infantil são prazerosas e fazem parte do desenvolvimento saudável de todo ser humano. Dessa forma o professor contribui para que o aluno reconheça como lícitas e legítimas suas necessidades e desejos de obtenção de prazer, ao mesmo tempo em que processa as normas de comportamento próprias ao convívio social.

De acordo com Maria Luiza Teles (1992), os professores encarregados de educação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito. Se o lar está falhando neste campo, cabe à escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores.

Ao atuar como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão, que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas. O professor assim como o aluno, possui expressão própria de sua sexualidade, que se traduzem em valores, crenças, opiniões e sentimentos particulares.

O professor deve estar atento às diferentes formas de expressão dos alunos. Muitas vezes a repetição de brincadeiras, apelidos ou paródias de músicas alusivas à sexualidade podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão e de compreensão de algum tema. Deve-se então atender a esse pedido.

É essencial que o professor tenha jogo de cintura para lidar com estas formas de expressão e suposta provocação das crianças, aproveitando a oportunidade e dando início a uma conversa sobre sexualidade. Não deve levar comentários dos alunos para o lado pessoal, nem se sentir agredido por eles. As crianças não agem assim para agredir. Na verdade elas apenas manifestam seu desejo de saber mais sobre o tema ou conhecer a posição do adulto.

Para haver um trabalho significativo, é imprescindível que se estabeleça entre alunos e professores uma relação de confiança e amizade. As crianças dificilmente expressarão suas dúvidas e curiosidades de forma clara e objetiva, ao temerem a reação do professor. Para isso, o professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder as perguntas de forma direta e esclarecedora. Informações corretas, do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem estar e tranquilidade para uma maior consciência de seu próprio corpo.

Questões sobre sexualidade merecem ser trabalhadas, é importante que o professor esteja atento e explicita os aspectos culturais envolvidos, buscando evitar preconceitos, responder dúvidas, valorizando os vínculos entre afeto, responsabilidade, sexualidade e autoestima. É também da maior importância que o grau de maturidade psíquica e biológica da classe seja um parâmetro no aprofundamento das respostas ou investigações acerca do assunto.

Desta forma, para que possa ser ensinado sobre sexualidade, é necessário observar o meio em que os alunos vivem, a sua cultura, os costumes, as tradições, os tabus e os preconceitos, dentre outros fatores.

2.2 A Educação Sexual do Ensino Infantil ao Ensino Fundamental II

Tratar de sexualidade na escola requer o alicerce de uma concepção científica e humanista desta sexualidade, superando o senso comum, que é o nível primário do conhecimento social. Somente por uma abordagem histórica e cultural sobre a questão da sexualidade humana, fundamentada por uma rigorosa

compreensão científica do desenvolvimento psicosssexual da criança poderemos analisar as manifestações da sexualidade infantil na escola.

Na educação infantil, os colegas costumam andar pelados, se tocar e morder os colegas. Nenhuma dessas ações deve ser repreendida. Se na maioria das vezes, o ato tem a ver com a busca pelo prazer e a exploração do corpo, em outras tudo não passa de imitação dos adultos. Para satisfazer essa curiosidade o professor deve passar uma atividade que explique que os meninos têm pênis e as meninas, vagina, e que ambos nascem com órgãos sexuais diferentes dissipando assim muitas fantasias (Revista Nova Escola, agosto 2008).

Os primeiros sinais de manifestação da sexualidade das crianças é a prática da manipulação dos órgãos sexuais. Durante as primeiras fases do desenvolvimento sexual infantil, a descoberta do próprio corpo e a exploração de suas múltiplas possibilidades e características constituem um mundo próprio para a criança. A manipulação dos órgãos sexuais, que se organiza a redor dos três ou quatro anos, é uma das mais intensas descobertas infantis. Outra atitude das crianças tanto entre meninos quanto em meninas nessa mesma idade é reter a urina, pois corresponde a um tipo de estímulo e satisfação, entre o prazer físico derivado das práticas de contração muscular e aquela estimulação prazerosa provocada sobre os órgãos sexuais com retenção da urina. Esta “brincadeira” é uma simples relação do controle sobre o corpo, que a criança experimenta que deve ser acompanhada pelos adultos e reforçada numa dimensão educacional emancipatória e não repressivas.

Do 1º ao 5º ano, o mais comum são as brincadeiras exploratórias, os risos e as piadas sobre partes íntimas, além de palavrões e comentários depreciativos ou agressivos sobre características físicas dos outros. Quando os meninos e meninas brincam de médico, por exemplo, eles só querem explorar o corpo. O correto é propor atividade que expliquem as diferenças de gênero.

A partir do 6º ano os adolescentes passam a se preocupar intensamente com questões como namoro e relações sexuais. Com o amadurecimento do corpo os temas trabalhados na Educação Infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental virão à tona. Além do desafio de encarar as mudanças corporais e a

avalanche de desejos e novas experiências construir-se e posicionar-se como homem e mulher serão um desafio e tanto na adolescência.

Na escola o objetivo de trabalhar o assunto sobre sexualidade é trazer o bem-estar para as crianças respondendo suas curiosidades, trabalhando higienização do próprio corpo para ter boa saúde e prevenindo problemas futuros como as doenças relacionadas ao assunto, o autoconhecimento do seu corpo.

CONCLUSÃO

O tema escolhido e pesquisado vem mostrar a história da sexualidade nas escolas brasileiras explicando o início da introdução da orientação da sexual nas escolas e sua importância para a escola e para a sociedade.

É baseada neste contexto que se apoia a pesquisa sobre educação sexual, pois pretende verificar a real situação da abordagem da sexualidade no ambiente escolar visto nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) como tema transversal, além de conhecer mais sobre os conteúdos que deveriam ser trabalhados em sala de aula.

Percebemos que a educação sexual é um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir discussões sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos. O papel da orientação sexual é propiciar uma visão mais ampla, profunda e diversificada acerca da sexualidade.

A maioria dos professores não está preparada para realizar um trabalho de educação sexual que apesar de ser parte integrante dos PCN, não é realidade na grande maioria das escolas públicas do país, apesar de ter sido extremamente transformadora nas escolas em que foi implantada com uma visão livre de preconceitos e moralismos.

Por fim, cumpre observar que é função da educação contribuir para criar uma visão positiva sobre a sexualidade ampliando a consciência das responsabilidades em relação seu corpo e emoção como fonte de prazer e realização, enfatizando a importância do sexo seguro e de planos e projetos saudáveis de vida. Ao promover a orientação sexual no ambiente escolar cria-se oportunidade ao aluno de repensar seus valores pessoais e sociais, bem como partilhar suas preocupações e emoções.

RERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais. Brasil, 1997. Ministério da Educação e Cultura – Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual. Brasília, 1997.*

SUPLICY, Marta. *Orientação Sexual nas escolas de São Paulo. AMA Educando, 1995.*

ZACURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo. 7ª Edição: Editora: Record, 1996.*

SEXUAL, A educação. Disponível em <<www.brasilecola.com>>. Acesso em 11 novembro 2012.

SAITO, M. I. *Educação Sexual: Adolescência, Sexualidade e Escola.* In: CONCEIÇÃO, J. A. N. (Coord.). *Saúde Escolar: A Criança, a Vida e a Escola.* São Paulo, Sarvier, 1994.

NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade. 7ª Edição: Papirus. São Paulo, 2005.*

Revista Nova Escola. Editora: Abril. Junho/Julho 2010

OLIVEIRA, Márcia Aparecida Rufino da Silva. *Orientação Sexual na Educação Infantil: A Orientação Sobre Sexualidade na Educação Infantil na Visão de Freud.* Minas Gerais, 2009. Disponível em: << <http://www.bookess.com/read/4530-orientacao-sexual-na-educacao-infantil-a-orientacao-sobre-sexualidade-na-educacao-infantil-na-visao-de-freud/reviews/> >>. Acesso em 16 nov. 2012.